

AÇÃO EDUCATIVA E MEDIAÇÃO: QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO¹

Denise Bandeira²

Faculdade de Artes do Paraná - UNESPAR

RESUMO: Neste artigo foram reunidos tipologia, conceitos, elementos e características da ação educativa realizada em espaços museais a partir de breve levantamento em publicações acadêmicas da área em acervo digital e fóruns *online*. Foram apresentados sinteticamente alguns aspectos da política pública, além de desdobramentos e reflexões sobre o desenvolvimento das equipes e da programação educativa. Eles são justificados pela falta de avaliação continuada desse campo e, em especial, sob o ponto de vista da demanda (BOURDIEU, 2007, 2012). A propósito da relação museu e escola e a pertinência das ações educativas se observa analiticamente a aplicação de dois conceituados modelos de educação museal. Por fim, esta breve investigação objetivou resumir aspectos da elaboração de ações educativas e possibilidades de mediação em instituições museais. Contudo, justifica-se, por limite investigativo, que não foram apresentados conceitos e referenciais teóricos adotados para o desenvolvimento desses trabalhos educativos.

Palavras-chave: política cultural, educação em museus, ação educativa, mediação

ABSTRACT: It has been gathered in this study typology, concepts, elements, and characteristics of educational action which are carried out inside museums come from academic publications concerning digital collection as well as online forums. Some public political aspects, some branches, and some reflections on the development of groups as well as educational program have also been studied in order to focus blanks in several projects and the support to the topic. These are pretty much justified due to the lack of continuing evaluation of this specific field, mainly related to the demand (BOURDIEU, 2007; 2012). Plus, concerning the relation among the museum, the school, and the rightfulness of educational actions, that relation is analytically to be checked out and put together in order to enforce two important education models for museum. Finally, this short investigation aims to sum up some aspects of educational actions program, introducing mediation odds inside museum facilities. However, it is quite justified, due to this investigation borders, that neither concepts nor theoretical references have been introduced in order to develop these educational works.

Keywords: cultural policy, education inside museums, educational action, mediation

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentada no evento **Semana de Mediação Cultural** realizado pelo Governo do Estado do Paraná, a Secretaria de Estado da Cultura, a Casa Andrade Muricy com apoio da Universidade Estadual do Paraná - campus II Faculdade de Artes do Paraná / UNESPAR, do Polo Arte na Escola - FAP, da Universidade Federal do Paraná - Departamento de Artes / UFPR-DEARTES, durante a 11ª. Semana Nacional de Museus em maio de 2013.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), artista, pesquisadora, membro do núcleo de arte e tecnologia e professor adjunto do Colegiado do Curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes do Paraná - UNESPAR. Curitiba - Paraná - Brasil. Email: den.bandeira@gmail.com

Dobras: política cultural e ação educativa

Nos dias de hoje, diferentes instâncias³ de discussão debatem mudanças do papel social das instituições museais⁴ e refletem uma nova virada educacional. Além disso, elas objetivam ultrapassar as ofertas das tradicionais visitas guiadas ou a conjuntural disponibilidade de acesso de endereços eletrônicos, *sites* e redes de relacionamento das instituições museológicas; porém, não questionam quais transformações seriam pertinentes às demandas do público.

Vale lembrar que, em meados dos anos de 1960, uma notável e precursora⁵ pesquisa sobre a visitação em museus de arte na França, realizada por Bourdieu, investigou as diferentes categorias sociais e a distribuição segundo o nível de escolaridade do público, para afirmar que:

A visitação aos museus e, mais particularmente, aos museus de pintura está ligada de forma direta e estrita ao nível de instrução e do turismo, segue-se, por exemplo, que o público só pode aumentar na medida em que a escolarização prolongada se estenda a novas camadas sociais e na medida em que o turismo (cujo desenvolvimento está ligado ao aumento do tempo livre e à elevação dos rendimentos) também se torne uma prática mais frequente e mais geral. (2012, p. 57)

Na oportunidade, o sociólogo já propunha que mais ações fossem previstas para aumentar o número de visitantes em museus, incentivar o hábito e atrair novos públicos. Nessa direção, aumentar a demanda resultaria no aumento do nível de instrução e, em especial, da área de ensino de Arte (BOURDIEU, 2012). Essa crítica de Bourdieu (*Id.*) já reiterava que uma política de oferta não poderia substituir uma política de demanda e, nem tampouco poderia facilitar com exposição de obras mais populares, para reduzir a distância entre a oferta e a demanda. Assim, por exemplo, a apresentação de obras de diferentes qualidades para atrair um público novo acompanhada de ações educativas não deveria ser a única alternativa para romper o isolamento daqueles que já não tinham acesso ao museu. No entanto, parte dessas pesquisas sobre a visitação em museus causaram impactos na formulação de políticas culturais na França e, inclusive, vão influir sobre estratégias de investigação nesse campo e sobre as ferramentas de comunicação adotadas pelos museus.

Outro desafio apresentado por Bourdieu (2007) foi quanto à elucidação da lógica. Esta rege consumo e práticas culturais, assunto explorado em uma publicação⁶ no final dos anos de 1970 e, por fim, justificado pelo par aprendizagem e socialização. Questões como essas continuam a reverberar junto ao ensino da Arte na escola, em propostas de educação museal, em discussões sobre programas e ações educativas no âmbito das instituições culturais e têm reflexos nas políticas públicas de cultura em suas acepções contemporâneas.

Além disso, entre os anos de 1967 até o início dos anos de 2000, nessa agenda pública internacional, muitas preocupações enfrentadas por organizações⁸ e instituições e também pesquisadores, críticos e políticos em relação ao estabelecimento de uma política cultural, em especial na França, já tratavam de temas importantes para os embates da ação cultural na área da museologia.

³ O assunto tem sido abordado em fóruns organizados do sistema de arte, tais como: 23ª Conferência Geral do ICOM 2013, ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus (2013) e pela programação da 9ª. Bienal Mercosul (2011).

⁴ O termo adotado para se referir ao conjunto de museus e demais instituições, segundo Chagas (2002), é um neologismo, tradução do francês, *institution muséale*.

⁵ O texto foi apresentado por Bourdieu em um colóquio realizado em 1964 e divulga os primeiros resultados de uma pesquisa sobre o público dos museus. *L'Expansion de la recherche scientifique*, n. 21, dezembro de 1964, p. 26-28.

⁶ Trata-se do livro **Amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público, dos autores Bourdieu e Darbel, publicado na França em 1969.

⁷ A criação do Ministério de Assuntos Culturais na França com direção de André Malraux ocorreu em 1959 e pode ser tomada como um momento da fundação das políticas culturais (GENEVIEVE; POIRRIER, 2012).

⁸ Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO - inaugura uma agenda internacional com temas sobre políticas culturais com a Declaração Universal dos Direitos do Autor (1952) e vai ampliar o debate sobre o assunto nas décadas seguintes.

Nessa condição, com os processos de globalização, muitas dessas questões, “quanto ao lugar e a definição da cultura em nossas sociedades”, vão servir para instigar políticas públicas de cultura, também, no Brasil (POIRRIER, 2012, p. 28).

No entanto, conforme defende Rubim, a emergência recente das políticas culturais⁹ aconteceu durante o primeiro mandato de governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, de 2003 até 2007, durante a gestão do Ministério de Cultura por Gilberto Gil. A razão de tal surgimento inicialmente se sustenta no privilégio de dois temas nesse debate, o papel ativo do Estado Nacional e a implementação de políticas de cultura: “Mas dois outros movimentos assumem lugar central na construção de políticas de Estado no campo cultural: a implantação e desenvolvimento do Sistema Nacional de Cultura (SNC) e do Plano Nacional de Cultura (PNC).” (RUBIM, 2008, p. 196)

Por outro lado, algumas diretrizes para apoiar um posicionamento museal vêm sendo divulgadas desde o final da década de 1950. Exemplos disso já ocorreram em eventos precursores, com a realização do Seminário da UNESCO¹⁰ e com a fundação do ICOM (*International Council of Museums*) na França.

Ainda, o que se conquistou em relação às políticas públicas de cultura sob o aval de órgãos gestores no Brasil, tais como o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em 2009, o Instituto Brasileiro de Museus¹¹ - IBRAM. Nesse contexto, os museus de Arte vão seguir parâmetros discutidos internacionalmente e, numa variável de acordo com cada tipologia, atuar com maior ou menor ênfase na dimensão educativa museal.

Em 2003, no Brasil, foram iniciadas as primeiras discussões sobre a instituição de uma política nacional para os museus. Estas apresentavam formas diferenciadas de fomento e a implantação de instrumentos de gestão, além da criação do Sistema Brasileiro de Museus – SBM -, da definição dos estatutos de museus e da regulamentação do próprio IBRAM. Essas ações vão culminar com a elaboração do Plano Nacional Setorial de Museus em 2010.

Ressalta-se que a crescente relevância dos museus na sociedade globalizada também foi fruto de documentos importantes. Esses escritos oficiais foram difundidos pela UNESCO, como a Declaração de Caracas (1992), que apontou como principal função museológica os processos de comunicação. Consequentemente, no âmbito geral, a museologia contemporânea vai se concentrar na função social dos museus, independentemente da tipologia de cada instituição: “Entretanto, à medida que o museu passou a estar menos voltado para si próprio e mais voltado para o público - outra das tendências das últimas décadas -, começou igualmente a dedicar-se mais atenção ao papel educativo dos museus.” (MENDES, 2009, p. 37, grifo do autor)

A centralização do papel educativo das ações de comunicação dos museus vai resultar de diferentes fatores, conforme argumenta Mendes (2009), tais como a evolução do conceito de educação, a renovação das estruturas administrativas e da infraestrutura, a diversificação das funções e o novo *status* do educador na instituição museológica.

De qualquer maneira, esse *status* do educador em museus ainda não alcançou patamares significativos se for considerado o campo da Arte e suas instituições culturais. Além disso, muitas exigências propaladas com a formalização das políticas públicas de cultura, tais como ampliação da participação e diversificação do público visitante, não atingem desempenho satisfatório.

⁹ Rubim (2008) refletiu sobre as políticas culturais no Brasil, histórico e desenvolvimento a partir de três tradições: ausência, autoritarismo e instabilidade.

¹⁰ A UNESCO promoveu o Seminário sobre a Função Educativa dos Museus: Rio de Janeiro (1958), um dos documentos propulsores da Nova Museologia. O Seminário destacou o objeto como centralidade do museu e a potencialização da relação sujeito-objeto, além da formação profissional e do desenvolvimento das atividades educativas nos museus. (CÂNDIDO, Manuelina M. D. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2001. Cadernos de Sociomuseologia, 15)

¹¹ A autarquia foi criada em 2009, com a Lei nº 11.906, vinculada ao Ministério da Cultura, para substituir o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) criado na década de 1970.> Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/a-instituicao/#sthash.MD9Mg7pV.dpuf> <http://www.museus.gov.br/a-instituicao/>> Acesso em: agosto de 2013.

Na maioria das condições de apoio e financiamento desse setor cultural, os interesses do patrocinador se vinculam apenas à ampliação do número de visitantes, como garantia da contrapartida social. Essa situação vai confirmar, principalmente, a ausência de políticas públicas e permanentes para contratação, manutenção e capacitação para agentes que atuam nessa área.

Desde a década de 1990, os estudos de recepção e suas investigações sobre o papel da mediação têm contribuído para equilibrar a importância entre produção e demanda, além de ressaltar o interesse do público e os significados da mediação cultural para o desenvolvimento de uma crítica da programação museológica. (CAZELLI *et al.*, 2003)

Ressalte-se que, além das problemáticas apresentadas pelo setor, a demanda (recepção) vai exigir maior atenção por parte da instituição e da equipe do educativo, sem abandonar a sua condição cultural. A definição do tipo de público, para quem os programas vão ser desenvolvidos, permanece como uma tarefa fundamental para a definição das estratégias metodológicas dessa programação.

Demanda e público: visitantes em movimento

No âmbito nacional, uma das últimas pesquisas¹² sobre a visitação em museus apresentou uma distribuição dos visitantes a partir de análise dos questionários aplicados ao público, para conhecer o perfil, as situações e as modalidades das visitas e identificar motivações e condições de acesso. A investigação realizou-se durante os anos de 2006 e 2007, em treze museus da cidade de São Paulo. Entre os dados levantados verificou-se a escolaridade acima da média desses visitantes se comparada à população: “Dos respondentes, 79% têm ensino superior completo ou incompleto (33.3% incompleto, 32,4% completo e 14.2% pós-graduação).” (OMCC, 2008, p. 18).

Nesse universo investigado, informações como a faixa de renda e a frequência a tais estabelecimentos como hábito da família¹³ vão confirmar a predominância de um público com renda domiciliar maior do que R\$4000,00/mês. 66,6% dos entrevistados declararam realizar visitas análogas nos últimos 12 meses em mais de uma instituição, o que também sugere uma prática regular: “Na verdade, cerca de 30% (29,1%) realizaram de duas a três visitas nos últimos doze meses e apenas 16% afirmou ter visitado uma só vez.” (OMCC, 2008, p. 23). As semelhanças dos resultados em contextos e temporalidades tão diferentes, tendo em vista a pioneira pesquisa de Bourdieu, realizada na França, em 1964, deixam dúvidas em relação aos avanços ou não das políticas culturais desenvolvidas pelas tradicionais instituições museológicas no Brasil, tanto na oferta quanto na demanda da programação. O papel educacional dos museus continua sem consenso entre as instituições; além disso, a dimensão educativa do museu vai ter diferentes concepções. Desde o final dos anos de 1990, muitas áreas de conhecimento vão ser exploradas pelos programas educativos dos museus; contudo, a História da Arte continuou um campo privilegiado pelos curadores e, devido às relações de poder em vigor nessas instituições, confirmou-se como um conteúdo apropriado para a comunicação com os visitantes. No entanto, cada vez mais o visitante vai participar de processos de interpretação dos objetos expostos e vai ser continuamente impoderado até construir um significado próprio de museu (MAYER, 2005).

Com efeito, desde a criação das instituições museológicas até a sua multiplicação e recente diversificação nas sociedades contemporâneas, os museus assumiram seu papel educativo de formas diferenciadas. Dentre as reflexões de pesquisadores sobre a educação museal, questiona-se: “por que os museus têm sido considerados locais de educação não formal, especialmente no Brasil?” (MARANDINO, 2008, p. 13)

¹² Os dados foram comparados às informações sobre a população de referência da Região Metropolitana de São Paulo e do Estado de São Paulo (PNAD 2006).

¹³ A questão admitia múltiplas respostas, mas a somatória resultou em 27,7% dos declarantes que afirmaram realizar visitas na companhia de algum membro familiar.

Nessa condição de museus e espaços culturais, pode-se destacar o caráter múltiplo da educação museal nos seguintes pontos de vista do aprendiz, como a experiência de um espaço de educação não formal no museu; e do ponto de vista do público seria a participação em atividades dirigidas à educação formal (*Ibid.*).

Diferentes possibilidades para a realização de ações educativas nos espaços museológicos vêm sendo exploradas a partir dessa ponderação entre a educação formal e a não formal. Isso ocorre, portanto, com impactos variáveis na concepção pedagógica e até nas práticas de mediação: “De outro modo: as escolas e os museus são espaços diferenciados de memória, de patrimônio cultural e de educação e por isso são vias sociais por onde o poder e a memória circulam.” (CHAGAS, 2002, p. 52)

Quanto ao papel da mediação, nos processos formativos e educativos, conforme avalia Barros, se trata de uma operação cognitiva, simbólica e informacional, pois: “Por mediação entende-se aqui o processo de circulação de sentidos nos diferentes sistemas culturais, operando um percurso entre esfera pública e o espaço singular e individual dos sujeitos.” (2013, p. 31) Na mediação estão envolvidos atores, práticas, objetos e contextos. Trata-se, por conseguinte, de problematizar também um espaço institucional, local no qual se configuram as práticas de mediação.

Ação educativa: tipologia, conceito, especificidade e comunicação.

Em uma pesquisa¹⁴ sobre a realização de ações educativas em museus brasileiros, apresentada na Conferência Anual do CECA/ICOM em 2006, foi possível observar dados sobre a oferta e a tipologia dessa prática num total de dois mil (2000) museus brasileiros.

No entanto, nesse universo investigado, apenas 9% das instituições responderam ao questionário sobre a realização de ações educativas, com 82% respostas afirmativas e 18% negativas (fig.1).

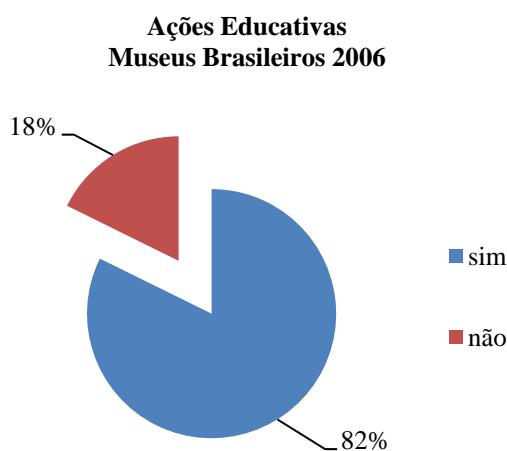


Figura 1: levantamento sobre a realização de ações educativas em museus brasileiros 2006. **Fonte:** CECA/ICOM - Brasil / CABRAL, Magaly. Avaliação das ações educativas em museus brasileiros, 2006. Disponível em: <www.icom.org.br/avaliacao_acoes_educ_museus_bras.pdf.> Acesso em: mai. 2013.

Nessa mesma investigação, as respostas sobre tipologia (Fig. 2) e sobre práticas de avaliação permitem confirmar uma diversidade de ações educativas, mas elas apontam a ausência de equipes

¹⁴ Em 2006, a pesquisa Avaliação das ações educativas em museus brasileiros foi realizada com contribuições dos membros do CECA/ICOM - Brasil e, também, acompanhada pela então coordenadora da entidade, Magaly Cabral.

qualificadas para esses propósitos e de metodologias para a avaliação¹⁵ desses programas museológicos. Por outro lado, um breve levantamento sobre o termo - ação educativa - definições correntes e divulgadas em publicações da área, por instituições ou programas museológicos, foi possível identificar uma variação de significados.

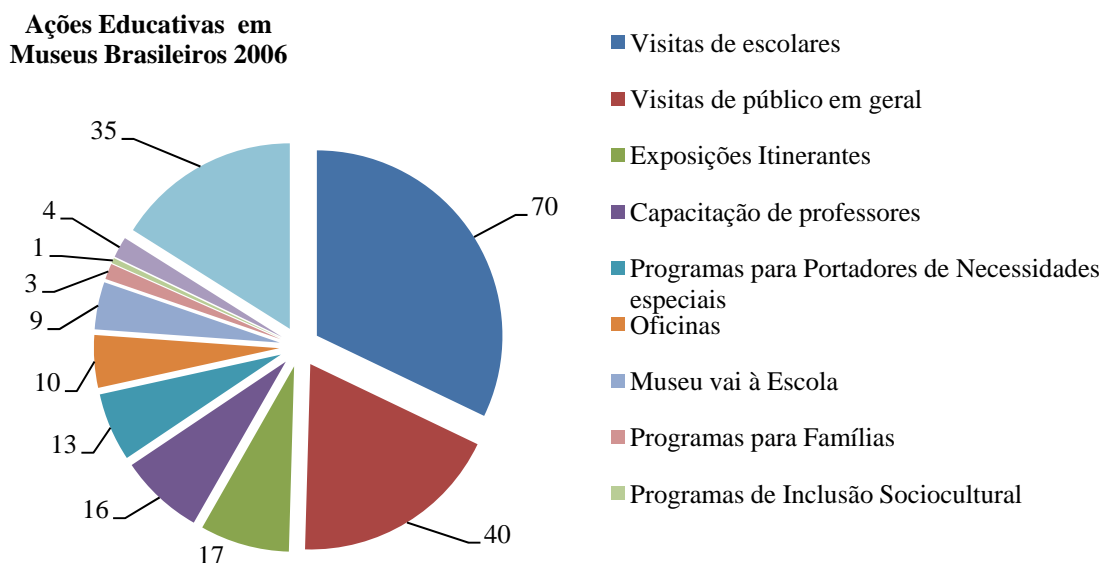


Figura 2: Tipologia das ações educativas em museus brasileiros 2006.

Fonte: CECA/ICOM - Brasil CABRAL, Magaly. Avaliação das ações educativas em museus brasileiros, 2006. Disponível em: <www.icom.org.br/avaliacao_acoes_educ_museus_bras.pdf> Acesso em: mai. 2013.

A maioria dos espaços museais conceitua essa expressão (Tab. 1) em conformidade com a tipologia institucional, a trajetória histórica, a equipe profissional, com a característica do público e espaço de inserção social, além de outras articulações. Nesse escopo investigativo apresentado foram consideradas pela maioria das pesquisas consultadas as ações educativas realizadas na área museológica, como práticas prioritárias para o atendimento de um público diversificado, de frequência não obrigatória e sem periodicidade. Há ainda a oferta de atividades de tipologia e duração variável e, em grande maioria, tais faculdades baseiam-se no objeto de cada acervo ou de exposições temporárias.

Em síntese, de acordo com Marandino (2008) e os autores Van-Präet e Poucet (1992), as ações educativas se caracterizam por elementos como o espaço (arquitetônico, da área expositiva, do trajeto), o tempo (deslocamento, visita, apreciação de um objeto) e, por fim, pela importância do objeto (aspecto histórico, simbólico, material e outros).

A partir de um panorama histórico da educação museal, recentes investigações realizadas por Martins (2010), Marandino (2011) e outros grupos de pesquisadores no cenário brasileiro e internacional apontam uma transformação de modelos para as ações educativas em espaços museais. Elas variam de acordo com as tendências pedagógicas conforme o Modelo de Legendre (1983) e Chevallard (1991) (Fig. 3) e ainda dependem de tipologias institucionais e de acervo.

Os modelos (Fig. 3 e 4) foram identificados por Martins (2010) pela aproximação entre museu e escola e pela pressuposição de maior aproveitamento dos estudantes em visitas ao museu.

te	Definição de ação educativa
----	-----------------------------

¹⁵ Entre as metodologias de avaliação, o relatório aponta a aplicação de questionários por monitores, professores ou funcionários e reuniões periódicas da equipe do setor educativo. A maioria dos museus que realiza avaliações (do total pesquisado, aproximadamente 80%) não indica bibliografia sobre essa área (CECA/ICOM; CABRAL, 2006).

GAMA, Rita. Programa educativo OI Futuro - compartilhando experiências em mediação. In: FONTES, Adriana; GAMA, Rita. (org.). Reflexões e experiências. 1º Seminário OI Futuro. Mediação em museus: arte e tecnologia. Rio de Janeiro: Coedição Livre Expressão, 2012. p. 13-38.	Campo de recepções poéticas, negociações e construção de sentido, com tolerância, respeito e acolhimento da opinião alheia, conectando um ponto de vista com o outro; Estimular e instigar os visitantes, atentar para as observações e as opiniões, compartilhar as experiências, num exercício de cidadania, para possibilitar a construção de saberes e de um olhar crítico.
GLOSSÁRIO. Revista Museu. Disponível em: < http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp . > Acesso em: mai. 2013.	Procedimentos que promovem a educação no museu. O acervo é o centro destas atividades; Propostas de transmissão de conhecimento dogmático ou para ampliar a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social; Propostas que visam assegurar a ampliação das possibilidades de expressão de indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social; Atividades que objetivam oferecer benefícios para a vida em sociedade, em última instância, fortalecem o papel social dos museus.
JULIÃO, Letícia (coord.). <i>Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa</i> . Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.	Contemplam os elementos fundamentais do processo de comunicação, além da preservação e da investigação, forma o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia; Formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, com objetivo de angariar respeito e valorização do patrimônio cultura.
GRINSPUM, Denise. <i>Educação para o Patrimônio: Museu de arte e escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos</i> . 131 fls. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.	Formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, possibilitam encontrar os mais diversos sentidos, no exercício da cidadania e da responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios, material e imaterial, com excelência e igualdade.

Tabela 1: lista de acepções da expressão ação educativa.

Fonte: Levantamento da autora (cf. Tab. 1).

Na década de 1990, o Grupo de Pesquisa sobre Educação e Museus (GREM - *Université du Québec, Montréal* - Canadá) propôs um modelo teórico fundamentado no conceito sistêmico da relação pedagógica criado por Legendre (1983) e, também, Chevallard (1991) (MARTINS, 2010, p. 117).

No início dos anos 2000, inúmeros estudos sobre os problemas da adoção do primeiro modelo possibilitaram ao GREM criar um “modelo teórico da situação pedagógica engendrado por um programa educativo museal”. Este vai ser aplicado às parcerias entre museu e escola e compreenderá três etapas preparatórias que se antecipam às visitas – preparação, desenvolvimento e avaliação (MARTINS, 2010, p. 119). Esse modelo já foi utilizado também para compreender amplamente as relações pedagógicas no interior do próprio museu.

Especialmente, Marandino apresentou e discutiu esses modelos desenvolvidos por pesquisadores para a educação em museus, com a intenção de propor um sistema didático museal (Figura 4) capaz de “expressar as relações entre conhecimento, público e sujeitos produtores dos processos e conteúdos pesquisados/divulgados no museu” (2011, p. 124).

Modelo de Legendre (1983) e Chevallard (1991)

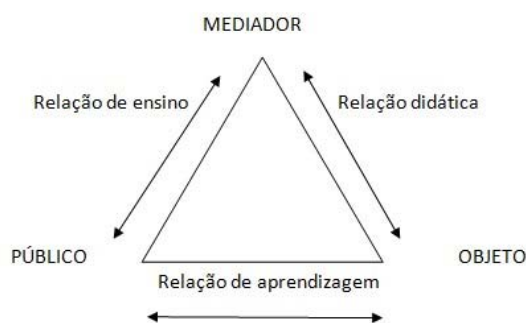


Figura 3: modelo baseado na situação pedagógica de Legendre (1983) e Chevallard (1991).
Fonte: CHEVALLARD, Yves. **La transposition didactique**. Paris: Le Pensée Sauvage, 1991.
 LEGENDRE, Renald. **L'éducation totale**. Montréal: Ville-Marie, 1983.

Num conjunto de instituições museais, a exposição vai funcionar como um centro de articulação desses elementos. Tal afirmação foi admitida por Marandino, ao defender a unidade básica da didática museal: “A exposição e as relações dela com o público configuram desse modo, a base do sistema didático museal, sendo a matéria-prima a partir da qual os educadores de museu se apoiam ao planejar grande parte das suas ações.” (2011, p. 106)

Portanto, a exposição expressa um discurso curatorial e, conseqüentemente, a partir dos estudos de recepção (ou percepção) e da produção de sentido pelo público vão-se perceber nuances de uma política curatorial da instituição museal: “Dentre as várias formas e possibilidades de comunicação entre os museus e a sociedade, as exposições serão priorizadas em razão de constituírem etapa importante no processo curatorial, embora esse não se esgote ou finalize na montagem de exposições.” (SANJAD; BRANDÃO, 2008, p. 27)

Por outro lado, num contexto de produção contemporâneo, Cauquelin (2005b) ressaltou que para apreender o conteúdo das obras vai ser necessário conhecer o sistema da arte no qual essas obras se inserem e, também, a centralidade da exposição como um *locus*.

Ora, a exposição como parte constituinte do sistema, integra uma condição de visibilidade. Esta é percebida como regime de comunicação que pressupõe uma permanente circulação da obra e do artista. A obra vai se tornar pública com a exposição no museu ou na galeria e, então, cria-se um espaço de interação social entre agentes do sistema de arte, de trocas, diálogos e opiniões: “Essa *doxa teorizante* não é negligenciável, na medida em que limita as atividades artísticas e lhes atribui um lugar delimitado no qual elas irão surgir e sem o qual elas permaneceriam letra morta”. (CAUQUELIN, 2005a, p. 19, grifo do autor)

Modelo de Allard e Landry (2009)



Figura 4: modelo de Allard e Landry (2009) - GREM Université du Québec - Montréal (Canadá).

Fonte: MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus:** o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. 389 fls. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/>>. Acesso em: set. 2013.

Esse núcleo vital de comunicação, denominado “doxa” pela autora, funciona como uma mediação. Esta ação comunicativa possibilita à obra ser reconhecida como uma obra posta em determinado sítio¹⁶: “Então, restituir essa doxa ao seu lugar, como rumor teórico, parece-nos indispensável se quisermos compreender como se produzem aceitações ou recusas, esquecimentos ou glorificação”. (*Ibidem*, p. 21)

No sistema cultural, ao se considerar a produção e recepção de objetos culturais, conforme a lógica desse circuito analisada por Costa (2009), os mediadores compõem um conjunto de intermediários pelos quais as obras ou objetos se tornam conhecidos, compreendidos e recebidos.

A mediação, conseqüentemente, apresenta-se como uma possibilidade de intermediar essas trocas, a partir da exposição e da publicidade das obras de arte pelos diferentes discursos gerados nesse lugar. Ainda, nesse momento, não se questiona *a priori* a contribuição ou não da expografia, a grade e a divulgação da programação museal, a visibilidade nas redes midiáticas e, minimamente, o papel dos demais agentes e, singularmente, o papel do curador.

¹⁶ A condição da arte contemporânea, para Cauquelin (2005a), em relação a sua falta de acomodação ao sítio, lugares onde se situa a reflexão sobre a arte, demonstra exatamente essa luta entre um sítio e a atividade artística, em sua tentativa de transformar esse lugar ou construir um absolutamente novo.

Referências

BARBOSA, N. Marcelina *et al.* *Ação Educativa em Museus*: Caderno 4. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

BARROS, J. M. Mediação, formação, educação: duas aproximações e algumas proposições. In: *REVISTA Observatório Itaú Cultural: OIC*. N.º 15 (dez. 2013/maio 2014). São Paulo: Itaú Cultural, 2013, p. 8- 14.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte – Os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. Os museus e seus públicos. In: GENEVIÈVE, G.; POIRRIER, P. (orgs.). *Cultura e estado: a política cultural na França. 1955-2005*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2012. p. 57 - 60.

CAUQUELIN, A. *Teorias da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Editora Access/Faperj, Rio de Janeiro, 2003. p. 83-106.

CECA/ICOM - Brasil; CABRAL, M. *Avaliação das ações educativas em museus brasileiros*, 2006. Disponível em: <www.icom.org.br/avaliacao_acoes_educ_museus_bras.pdf> Acesso em: mai. 2013.

CHAGAS, M. Museus de ciência: assim é, se lhe parece. In: KÖPTKE, L. Sepúlveda; VALENTE, M. Ester A. (orgs.). *Caderno do Museu da Vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu 2001-2002*. Rio de Janeiro: MV/ MAST, 2002. p. 46-60.

COSTA, L. F. *Um estudo de caso sobre a mediação cultural*. Trabalho apresentado no V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), 2009.

DAVALLON, J. *A mediação: a comunicação em processo?* In: Revista Prisma. N. 4, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma/article/viewFile/645/pdf>> Acesso em: mai. 2013.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.). *Key Concepts of Museology*. Paris: ICOM, 2010.

GAMA, R. Programa educativo OI Futuro - compartilhando experiências em mediação. In: FONTES, A.; GAMA, R. (org.). Reflexões e experiências. 1.º. Seminário OI Futuro. *Mediação em museus: arte e tecnologia*. Rio de Janeiro: Coedição Livre Expressão, 2012. p. 13-38.

GLOSSÁRIO. Revista Museu. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp>> Acesso em: mai. 2013.

GRINSPUM, D. *Educação para o Patrimônio: Museu de arte e escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

JULIÃO, L. (coord.). *Caderno de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

MARANDINO, M. (org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Greenf / FEUSP, 2008.

_____. *Por uma didática museal: propondo bases sociológicas e epistemológicas para a análise da educação em museus*. (Tese) Livre Docência. Faculdade de Educação da USP, Universidade de São Paulo, 2011.

MARTINS, L. C. *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/>>. Acesso em: set. 2013.

MAYER, M. M. *A postmodern puzzle: rewriting the place of the visitor in art museum education*. In: *Studies in art education. A journal of issues and research*, 2005. 469(4), p. 356-368.

MENDES, J. M. Amado. O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais. In: *Educação e museus: novas correntes*, Estudos do Patrimônio. Museus e Educação, 29-47; 155-165. Coimbra: Imprensa da Universidade, Estudos. Humanidades, 2009.

OMCC. *Pesquisa perfil Opinião 2006-2007*. Análise descritiva preliminar dos dados agregados dos museus participantes da pesquisa em São Paulo. São Paulo: OMCC, 2008.

POIRRIER, P. Introdução. In: GENEVIÈVE, G.; POIRRIER, P. (orgs.). *Cultura e estado: a política cultural na França. 1955-2005*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2012. p. 17 - 40.

RUBIM, A. A. Canelas. Políticas culturais do governo Lula / Gil: desafios e enfrentamentos. In: *Intercom*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação 184. São Paulo, v.31, n.1, p. 183-203, jan./jun. 2008.

SANJAD, N.; BRANDÃO, C. R. F. A exposição como processo comunicativo na política curatorial. In: *Museus: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 27-35.

VAN-PRÄET, M.; POU CET, B. Les Musées, lieux de contre-éducation et de partenariat avec l'école. In: *Education et Pédagogie*, n. 16, 1992. Disponível em: < http://www.ac-grenoble.fr/patrimoine-education/seminaire/contreeduc_partena.htm> Acesso em: ago. 2013.